

RISCOS GEOPOLÍTICOS NO LESTE EUROPEU?

FELIPPE SERIGATI¹, ROBERTA POSSAMAI²

Tensões geopolíticas, como as do Leste Europeu, provocam o aumento da volatilidade nos mercados de commodities. Como o agronegócio brasileiro sofre influência desses mercados tanto do lado dos custos, quanto do das receitas, é preciso ficar atento aos movimentos da geopolítica internacional.

NOS DOIS primeiros meses deste ano, a sociedade brasileira começou a ver a materialização do fim da pandemia. Com o rápido espalhamento da variante ômicron, que se mostrou mais contagiosa e menos letal, e o avanço da cobertura vacinal, teríamos, finalmente, uma fração relevante da população “imunizada”, mesmo que apenas temporariamente. Em diferentes proporções, esse cenário era compartilhado pela grande maioria dos países e, certamente, proporcionava um maior otimismo e a esperança de uma retomada perene da normalidade pré-2020.

No entanto, o ano também começou com uma ameaça que veio ganhando força de forma cada vez mais acelerada e que, no final de fevereiro, colapsou em um conflito bélico cujo palco principal é a Ucrânia. Opõem-se, de um lado, Rússia e Belarus e, de outro, União Europeia, Estados Unidos, além da própria Ucrânia.

MERCADOS DE COMMODITIES SOB PRESSÃO

O mundo tem observado os desdobramentos desses atritos com grande preocupação. Entre os diversos motivos

de apreensão, há o fato de que o conflito está envolvendo diretamente dois importantes ofertantes de *commodities* para o mercado internacional. De acordo com o Comtrade das Nações Unidas, a Rússia foi o maior fornecedor mundial de trigo, gás natural e fertilizantes (valor total) e o segundo maior exportador de petróleo para o Planeta em 2020 (dados consolidados mais recentes disponíveis). Por sua vez, também segundo o Comtrade, a Ucrânia foi o quarto e o quinto maior provedor de milho e de trigo, respectivamente, para o resto do mundo. Como era de se esperar, as cotações dessas *commodities* nas suas

SHUTTERSTOCK



principais praças de referência já reagiram significativamente.

MAIS INFLAÇÃO NO MUNDO

De forma planejada ou não, o fato é que essa pressão adicional sobre as *commodities* desembarca em um mundo que tenta digerir um processo inflacionário generalizado em diversos mercados e que atinge diversas economias. Em janeiro, os Estados Unidos registraram a sua taxa de inflação mais alta dos últimos quarenta anos, e a Zona do Euro está testemunhando a inflação mais acelerada da história da moeda comum europeia. Certamente, o agravamento do conflito no Leste Europeu deverá tornar ainda mais desafiador o trabalho de controlar a inflação e, provavelmente, demandará um ajuste na trajetória da política monetária de diversos países, seja acelerando, intensificando ou prolongando o ciclo de alta das respectivas taxas de juros.

INFLAÇÃO DE ALIMENTOS É UM TEMA SENSÍVEL

Como já mencionado, a Rússia e a Ucrânia são importantes fornecedores de grãos (trigo e milho) para o mercado internacional. Problemas na oferta desses produtos podem dar um fôlego adicional para a inflação de alimentos que o mundo tem sentido desde o segundo semestre de 2020. Por sua vez, alimentos mais caros são itens muito sensíveis em diversas sociedades, e isso ficou evidente em 2011, no início da chamada Primavera Árabe. Além das turbulências locais e da mudança de governo em diversos países, a Primavera Árabe também gerou uma crise de refugiados pela Europa, o que, por sua vez, potencializou sentimentos e ideais mais nacionalistas (por vezes, até mesmo xenófobos), pressionando por maior autonomia de cada membro da União Europeia e dando fôlego adicional, por exemplo, para que o Reino Unido saísse do bloco.

RISCOS GEOPOLÍTICOS PODEM SER MAIS FREQUENTES

É importante ressaltar que esse conflito no Leste Europeu não deve ser interpretado como um movimento isolado, mas como um capítulo de um livro bem maior: a contestação dos limites do poder da atual potência hegemônica, os Estados Unidos, e dos seus parceiros, especialmente a União Europeia. Ao final da pandemia, os Estados Unidos saem dessa crise sanitária com muitas divisões internas, cujas fraturas começam, pelo menos, desde a crise de 2008. De forma análoga, a União Europeia também sai da pandemia mais desagregada e com muita insatisfação, seja entre os seus membros (lembramos a saída do Reino Unido), seja pela realidade interna de alguns dos países do bloco. Do outro lado, potências emergentes estão pressionando por maior “autonomia” nas suas áreas de influência: a Rússia no Leste Europeu e, principalmente, a China em boa parte da Ásia, mas não limitada a ela.

Enfim, infelizmente, tensões geopolíticas deverão ser mais frequentes no mundo que emerge do pós-pandemia e trarão uma maior volatilidade aos mercados de *commodities*. Embora estejamos, finalmente, saindo da situação mais complicada que a COVID-19 nos trouxe, a nova realidade traz desafios importantes; e alguns não serão resolvidos no curto prazo. Logo, o agronegócio brasileiro, por sofrer influência dos mercados de *commodities* tanto do lado dos custos, quanto do das receitas, deverá permanecer com o radar atento aos movimentos da geopolítica internacional. ■

RADIOGRAFIA DA RELAÇÃO COMERCIAL DA RÚSSIA COM O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

De acordo com a pesquisa Desempenho Comercial do Agronegócio, do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV Agro), o universo agro brasileiro exportou quase US\$ 1,3 bilhão para a Rússia em 2021 (US\$ 510,5 milhões em produtos da agropecuária e US\$ 510,5 milhões em produtos da agroindústria). Embora sejam valores com alguma expressividade, a Rússia já foi destino de um valor exportado maior: US\$ 3,7 bilhões, em 2014. Entre os principais produtos exportados pelas atividades agropecuárias no ano passado, merecem destaque a soja em grão (US\$ 343,3 milhões) e o café em grão (US\$ 132,8 milhões). Já na agroindústria, os destaques ficam com as carnes de frango e suína (US\$ 191,0 milhões), a carne bovina (139,0 milhões), sucos (US\$ 132,9 milhões) e o açúcar (US\$ 127,0 milhões).

Como se pode ver, a Rússia não é exatamente um grande comprador de produtos do agro brasileiro. No entanto, em 2021, adquirimos dos russos um valor bem maior em produtos: US\$ 3,6 bilhões. Desse montante, os insumos agropecuários responderam por quase a totalidade (US\$ 3,5 bilhões).

Em outras palavras, embora a Rússia não esteja entre os grandes destinos dos produtos do agro brasileiro, os russos são parceiros estratégicos enquanto importantes fornecedores de fertilizantes e de princípios ativos para a nossa produção. Além disso, por eles serem grandes produtores de algumas *commodities*, podemos ser afetados positiva ou negativamente via preços, mesmo em produtos que não são significativamente transacionados entre as duas nações.

1Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EESP), professor e pesquisador do FGV Agro - felippe.serigati@fgv.br

2Mestre em Economia Agrícola pela FGV EESP e pesquisadora do FGV Agro - roberta.possamai@fgv.br